

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Poliana Patrícia Glienke

TRANSMISSÕES ESPORTIVAS:
A ARTE DA NARRAÇÃO RADIOFÔNICA

Passo Fundo

2012

Poliana Patrícia Glienke

TRANSMISSÕES ESPORTIVAS:
A ARTE NA NARRAÇÃO RADIOFÔNICA

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social:
Habilitação em Jornalismo, na Universidade de Passo Fundo,
como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel
em Jornalismo, sob orientação do professor Fábio
Rochenbach.

Passo Fundo
2012

[...] a necessidade do ouvinte de imaginar com o olho interior não deve ser valorizada, mas ao contrário, é um grande obstáculo para uma apreciação da natureza real da expressão radiofônica e para as vantagens particulares que só ela pode oferecer – Rudolf Arnheim

Dedico esta, bem como todas as minhas demais conquistas, aos meus queridos. À meu pai Romeu Glienke, que por um momento não acreditou na realização deste sonho, mas hoje é o principal admirador; à minha mãe Neida Graff que sempre acreditou em mim e, apesar das circunstâncias mostrarem o contrário, manteve a fé e a esperança desta conquista; aos meus irmãos Vinício e Wesley Glienke que sempre estão dispostos a me ajudar; ao professor Fábio Rochenbach que aceitou o meu convite para orientar esta monografia; à equipe da Rádio Ceres, em especial à equipe de esportes que me fez aproximar dos gramados; enfim à todos que auxiliaram para o êxito deste trabalho de conclusão de curso.

AGRADECIMENTO

Quero agradecer, em primeiro lugar a Deus, pela força e coragem durante toda esta longa caminhada. Agradeço aos meus pais, Romeu Glienke e Neida Graff Glienke, que mesmo com todas as dificuldades enfrentadas ao longo na faculdade, principalmente no último semestre, estão me proporcionando a realização de um sonho, ser jornalista. Aos meus irmãos, Vinício Patrique Glienke e Weslei Germano Glienke; à equipe Rádio Ceres, que me abriu as portas; à Associação do Consulado de Não-Me-Toque, pois através dela consegui contatos importantes que me indicaram arquivos para a realização desta monografia; aos amigos que me compreenderam. Agradeço também à todos os professores, em especial ao meu orientador, amigo, Fábio Rochenbach, que soube me guiar em meio às dificuldades que foram surgindo. Meu muito obrigada à todos.

RESUMO

A transmissão esportiva, iniciada na década de 1930, se mantém ativa, enquanto alguns de seus contemporâneos como, por exemplo, o radioteatro, a radionovela e os grandes musicais foram instintos do cotidiano. Visando conquistar e prender cada vez mais a atenção do torcedor, a narração esportiva aperfeiçoou a função de recriar o acontecimento e assim conferir vida ao fato e incentivar a imaginação de quem escuta. O trabalho aqui desenvolvido tem como objetivo compreender se os narradores Pedro Ernesto Denardin, Marco Antônio Pereira e Haroldo de Souza que em diferentes jogos do Internacional transmitiram ao torcedor toda a emoção das partidas, mantém suas características apesar de utilizarem-se dos mesmos recursos.

Palavras chaves: transmissão esportiva - narração – rádio - emoção

SUMÁRIO

Introdução	09
1- Rádio: a escola de formação do Jornalismo Esportivo	10
1.1 - Jornalismo Esportivo	10
1.2 - Rádio e futebol – relações precoces	11
1.3 - A parceria: rádio e futebol	13
1.4 - A recepção da mensagem radiofônica	14
1.5 - Transmissões esportivas	16
1.6 - Narrações radiofônicas	17
1.7 - A linguagem do futebol	19
1.8 – Os estilos de narração	20
1.9 – Os narradores que fizeram história no Brasil	21
1.9.1– Pedro Luiz	21
1.9.2 – Fiori Gigliotti	21
1.9.3 – Osmar Santos	22
2 - Da teoria às vozes nas cabines de rádio	23
2.1 – Os narradores	24
2.1.1 – Pedro Ernesto Denardin	24
2.1.2 – Marco Antônio Pereira	25
2.1.3 – Haroldo de Souza	25
2.2 – As emissoras de rádio	26
2.2.1 – Rádio Gaúcha	26
2.2.2 – Rádio Guaíba	27

2.3 – Critérios de análise	28
2.3.1 – Improvisação	28
2.3.2. – Emoção	29
2.3.3 – Metáforas	30
3 - Análise e discussão	31
3.1. – A narração marcante de Pedro Ernesto Denardin	32
3.1.1 – A emoção do narrador	32
3.1.2 – Utilização de metáforas	34
3.1.3 – Improvisação e criatividade do narrador	35
3.2 – Marco Antônio Pereira, o dono do jargão “Mas que peninha!”	35
3.2.1 - A emoção do narrador	36
3.2.2 - Utilização de metáforas	37
3.2.3 - Improvisação e criatividade do narrador	37
3.3 – Haroldo de Souza, o narrador que anuncia o gol	38
3.3.1 - A emoção do narrador	38
3.3.2 - Utilização de metáforas	40
3.3.3 - Improvisação e criatividade do narrador	41
3.4. Os narradores e suas particularidades	42
4 - Considerações finais	45

INTRODUÇÃO

A partir do século 20, o rádio revolucionou os meios de comunicação. Desde seu surgimento já encantava as pessoas com suas radionovelas, notícias e músicas. Sempre foi um meio de comunicação que através da linguagem sonora mexeu com o sentimento e aguçou o imaginário do ouvinte, que passou a construir em sua mente as imagens.

No início da década de 30, o futebol no Brasil se uniu ao rádio e à medida que o brasileiro foi convivendo com o mundo da comunicação, o rádio descobriu uma linguagem específica que conseguia transmitir toda a magia das partidas de futebol. Deve muito ao rádio, a popularização do futebol que unidos conquistaram a paixão do torcedor brasileiro.

Com a finalidade de apresentar a importância da radiofonia, principalmente nas transmissões esportivas, o primeiro capítulo deste trabalho relembra a história do rádio, sua relação com o futebol e a recepção perante o ouvinte. Barato, prático e portátil, o rádio pode chegar aonde a televisão não chega e tem o domínio do oral sobre o escrito que mesmo com todo avanço tecnológico, ainda hoje é um importante meio de comunicação que leva às mais longínquas regiões a sua mensagem.

Em um segundo capítulo, explicaremos a metodologia de trabalho baseada na análise das atuais transmissões esportivas radiofônicas de partidas de futebol "ao vivo". O estudo apresenta a narração radiofônica completa dos narradores que atuam no Rio Grande do Sul, que em diferentes jogos do Internacional transmitiram as emoções das partidas decisivas do clube. Os narradores, Pedro Ernesto Denardin (rádio Gaúcha), Marco Antônio Pereira (rádio Gaúcha) e Haroldo de Souza (Rádio Grenal, na época na rádio Guaíba) utilizam-se da arte de narrar para trabalhar o imaginário do torcedor que continua sendo uma matéria-prima para o rádio.

Através da comparação das narrações de Pedro Ernesto Denardin, Marco Antônio Pereira e Haroldo de Souza, este trabalho tem como o objetivo de diagnosticar as diferentes narrações em particular, verificando a emoção do narrador, a utilização de metáforas e a improvisação e criatividade do narrador. E assim poder compreender se os narradores mantêm suas características apesar de utilizarem dos mesmos recursos.

1. RÁDIO: A ESCOLA DE FORMAÇÃO DO JORNALISMO ESPORTIVO

“Jornalismo é jornalismo, seja ele esportivo, político, econômico ou social” – dizem Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel na introdução de seu livro “Manual do Jornalismo Esportivo”. Especialização da profissão jornalística, o Jornalismo Esportivo ou desportivo (desporto, em Portugal) traduz a prática esportiva. No Brasil, a maior parte do espaço esportivo é preenchido por matérias sobre futebol, o esporte mais popular do país.

1.1 – Jornalismo Esportivo

As escolas de comunicação brasileiras surgiram nos anos 50, quando a profissão ainda era aprendida nas redações. No entanto, a obrigatoriedade do diploma, decretada por lei, só aconteceu em 1969, pelo Decreto-Lei de 17/10/69, assinado pela Junta Militar e pelo Ministro do Trabalho e Previdência Social. A medida gerou polêmica, mas a Constituição de 1988 reiterou a decisão.

No Jornalismo Esportivo, as qualidades individuais, como a espontaneidade e a alegria se tornam obrigatórias, pois não se pode pensar em futebol sem show, sem a dimensão do espetacular, ou em uma narração de futebol, sem o famoso GOOOLLLLLL! Dificilmente um ouvinte assíduo das transmissões de jogos pelo rádio ficaria satisfeito com uma narração linear e sem emoção. Desta forma, há uma grande lacuna entre o ensino universitário e a prática profissional. Enquanto a última exige do profissional a capacidade de empolgar, de transmitir alegria e diversão, o primeiro simplesmente ignora este fato. A comunicação é uma resposta de um estímulo, que se ignorado não haverá comunicação, ou seja, uma mensagem que não exerce efeito não é comunicação. Nas transmissões esportivas pelo rádio, por meio da narração que descreve os acontecimentos de um jogo de futebol, a interpretação e a associação da palavra à imagem visual do objeto proporcionam a comunicação.

Roberta Mourim (2004) transcreve uma entrevista realizada com um narrador esportivo, não identificado no texto.

Na faculdade também não ensinam como se fala. Então está surgindo um jeito de falar terrivelmente chato para o ouvido. Cantado. Não é a forma normal. É como falam os jornalistas que vêm das faculdades, que vêm com um tipo de leitura muito semelhante às aulas de leitura dos colégios. (...) porque o professor de faculdade não é um ex-locutor esportivo, não é um jornalista, na acepção precisa da palavra. Então como é que ele vai ensinar se ele também não sabe? Isso é um erro das faculdades. Tem que botar lá... Por exemplo, agora como está em extinção o narrador de futebol pelo rádio, não aparecem mais. O Edson Mauro, que é um excelente locutor esportivo, foi convidado a dar um curso de locução esportiva numa faculdade. De lá vai sair algum locutor esportivo, porque tem um professor. (MOURIM, Robert, apud autor não identificado, 2004).

Para os jornalistas esportivos, a questão da paixão em geral se manifesta já no momento da escolha de sua área de atuação. A maioria deles parece ter optado pelo esporte, antes de tudo, por identificar-se com o tema desde cedo. São casos em que a memória afetiva falou mais alto, de gente que, ao se estabelecer profissionalmente, parece ter conseguido realizar um velho sonho de infância.

O rádio ocupa lugar de destaque entre os meios de comunicação, pois este instrumento é parte integrante do cotidiano. No Brasil, o rádio é também um dos meios de comunicação de maior penetração e certamente um dos que leva a informação de modo mais democrático à população, em virtude de seu baixo custo e de seu imenso poder de alcance às regiões mais remotas do país, funcionando até hoje como o principal veículo de comunicação das populações mais pobres, tanto nos grandes centros urbanos como no interior do país.

Nos tempos de televisão interativa, de internet, e tantos outros dispositivos digitais portáteis, o rádio continua firme na condição de canal mais popular de difusão e popularização do mundo futebolístico.

1.2 - Rádio e futebol: relações precoces

A radiofonia é relativamente moderna. A primeira transmissão radiofônica realizada no mundo foi em 1906, nos Estados Unidos, quando o físico Lee de Forest

testou a válvula triodo. No Brasil, a primeira transmissão foi realizada no centenário da Independência, em 07 de setembro de 1922, em que o presidente Epitácio Pessoa abriu a Exposição do Centenário, no Rio de Janeiro. Era o começo da primeira estação de rádio do Brasil, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Fundada por Edgar Roquette Pinto, a emissora foi doada ao governo em 1936 e existe até hoje, mas com o nome de Rádio MEC.

O rádio foi se estabelecendo como um importante prestador de serviço à comunidade, e assim foi se fortalecendo como um poderoso veículo de comunicação, sinônimo de informação rápida e instantânea. O futebol viria, logo então para solidificar a posição do rádio como o principal meio de comunicação do país.

Nos anos 30, o teórico alemão Rudolf Arheim acreditou ser o rádio “... *um canal por onde os pensamentos vagam tão longe quanto desejarem e na ausência visual surge uma ponte acústica entre vários sons: vozes conectadas ou não a uma cena de palco são agora da mesma carne que a discussão, recitação, canção e música*”. (ZAREMBA, Lilian, apud ARHEIM, Rudolf, p2, 2009).

O rádio, que também pode ser considerado um livro para cegos, tem um papel literal de criar um contexto. Cada ouvinte tem a possibilidade de imaginar e recriar um cenário e por isso, esse meio de comunicação é considerado lúdico, pois tem o poder de estimular a imaginação e a criação. No documentário “O Som do Gol¹” (2012) produzido pela Universidade do Futebol, a professora da PUC/SP, Lúcia Santaella, afirma que “*o rádio, em termos semióticos está num paradigma similar ao da linguagem escrita. É aquela que depende da nossa imaginação para que o sentido da linguagem se complete*”.

Em uma relação metafórica muito comum no futebol, o rádio é capaz de transformar uma simples partida em um espetáculo. Jogadores são transformados em guerreiros, e as partidas em batalhas. A ausência de imagem estimula o tom metafórico da narração e permite o rebuscamento do discurso.

A linguagem desviante do comunicador esportivo é mais comum ao homem do rádio e um pouco ao de televisão, onde a emissão da imagem poupa o narrador de maiores rebuscamentos ou inovações para se tornar notado, não devendo mesmo falar muito para descrever o lance, sob o risco de tornar-se enfadonho. (CAPINUSSÚ, José Mauricio, 1988, p.17.).

¹ “O som do gol” Documentário produzido pela Universidade do Futebol, 2012.

Assim, o dinamismo, a mobilidade e a oralidade do meio permitiram que esse fosse incorporado ao cotidiano do brasileiro. O impacto que o rádio causou à sociedade foi muito grande, até então, nenhum outro meio de comunicação era capaz de chegar à tamanha quantidade de pessoas ao mesmo tempo. Sua consolidação veio nas décadas de 1940 e 1950, “os anos dourados do rádio”, período em que o veículo ocupou posição hegemônica na mídia, não apenas como meio de informação, mas também de entretenimento.

1.3 - A parceria: rádio e futebol

A mitologia do futebol não existiria sem o rádio. Praticado pela elite, o futebol surgiu no final do século XIX e hoje está presente em todas as classes sociais, fazendo parte da cultura brasileira, tornando-se o esporte mais popular do nosso país. A partir da década de 30, o futebol se uniu a comunicação, tornando-se inevitável falar de futebol sem mencionar o rádio, como lembra Márcio Guerra, (2012): “*O desenvolvimento do rádio coincide com o desenvolvimento do futebol. É o rádio o grande responsável pela popularização do futebol*”. (GUERRA, Márcio²)

Oficialmente o futebol foi criado na Inglaterra em 1º de dezembro de 1863. Foi trazido para o Brasil no final do século XIX por rapazes da alta sociedade que voltavam do exterior. Era praticado por jovens das elites urbanas, mas a partir do início da década de 1910 até 1930 passou a sofrer uma série de transformações. Um fator determinante nesse processo de transformação foi a inclusão do negro no futebol, além da constante luta pela profissionalização dos atletas. A imersão do futebol na sociedade brasileira criou a necessidade de se implantar uma imprensa esportiva que cobrisse todos os fatos relacionados a esse novo interesse nacional.

Para o jornalista esportivo, Juca Kfoury “*o brasileiro apaixonado por futebol construiu o rádio. Há uma interação do narrador com o torcedor. Quem vai narrar é apaixonado por aquilo que narra, e quer transmitir aquilo que o torcedor esta*

² Documentário “O som do gol”, produzido pela Universidade do Futebol (2012).

sentindo na arquibancada e para quem está ouvindo a transmissão do jogo”.
(KFOURI, Juca³)

O narrador esportivo José Silvério, acrescenta que,

[...] a paixão do brasileiro pelo futebol é exclusivamente feita pelo rádio. Quando era menino, acompanhava as discussões das pessoas mais velhas que diziam: Ontem assisti pelo rádio ao jogo do Palmeiras e Corinthians e do São Paulo contra o Vasco. As pessoas não viam nada, só ouviam. Criou-se essa imagem do jogo, e sabe até como o jogador fez a jogada. (SILVÉRIO, José, 2012⁴).

Numa construção da realidade, a linguagem e o improviso são importantes, pois o rádio, por ser um meio de comunicação que utiliza a instantaneidade como característica própria, apresenta para seus ouvintes uma linguagem baseada na improvisação dos termos utilizados por seus profissionais no objetivo de passar a mensagem para seu público de uma maneira espontânea. Os grandes locutores do rádio esportivo brasileiro são aqueles que conseguem se valerem deste artifício para transmitir de uma maneira clara e simples, para os ouvintes, os lances que se passam nos eventos esportivos.

A parceria entre futebol e rádio se torna cada vez mais forte. Os locutores radiofônicos buscam despertar o imaginário do torcedor e transformar as narrações em grandes espetáculos.

1.4 - A recepção da mensagem radiofônica

Teórico expressivo das artes visuais e do cinema do século XX, Rudolf Arnheim (2005) descreve a estética radiofônica no início do surgimento do veículo. O teórico afirma que o ouvinte médio de rádio produz imagens visuais suplementares. É provável que o faça porque a situação pouco usual de apenas ouvir conduz o ouvinte a suplementar esta ação criando impressões visuais. Entretanto ele afirma que, do ponto de vista radiofônico, [...] a necessidade do ouvinte de imaginar

³ Documentário “O som do gol” produzido pela Universidade do Futebol (2102).

⁴ Documentário “O som do gol” produzido pela Universidade do Futebol (2102).

com o olho interior não deve ser valorizada, mas ao contrário, é um grande obstáculo para uma apreciação da natureza real da expressão radiofônica e para as vantagens particulares que só ela pode oferecer (ZAREMBA, Lilian, apud ARNHEIM, Rodolf, p.63, 2005).

Arnheim valoriza a radiofonia e a considera uma arte. O teórico critica os que consideram a linguagem radiofônica como incompleta já que o imaginário e a fantasia existem e nem por isso torna o rádio incompleto ou menos confiável. Pelo contrário, Arnheim viu na ausência de uma necessidade visceral do receptor (a construção imagética como condição *sine qua non* para o entendimento da linguagem radiofônica) uma vantagem, uma passada lúdica e poética para um meio que se utilizava tão bem da palavra oral. O teórico ainda expressaria, após a II Guerra Mundial, uma grande decepção com o uso do meio para objetivos comerciais, a competição por audiência que, segundo ele, nivelava por baixo e vulgarizava o veículo.

Rudolf Arnheim percebe que a voz do rádio era, de fato, um canal poderoso para produzir emoção, uma emoção que não se esgota na palavra falada, mas reverbera e cria novos sentidos, ou melhor, se atualiza. É certo que a voz no rádio alcança os ouvintes e os convida a vivenciar uma experiência junto com o locutor. Há ainda um direcionamento através dos outros sons (barulhos, música de fundo, risos etc.) que também ajudam a compor a harmonia do conjunto da estética radiofônica.

Márcio Guerra, professor da UFJF afirma que,

As principais características da linguagem radiofônica são exatamente as características que marcam o imediatismo, a emoção como uma relação de proximidade com o ouvinte que faz com que essa linguagem seja tão apaixonante, que esse ouvinte se identifica com ela. E essa identificação fez com que esse veículo caísse no gosto popular. Ao cair no gosto popular, todas as transmissões, especialmente as transmissões esportivas ganharam dentro dessa linguagem um carinho especial do torcedor. (GUERRA, Márcio⁵).

⁵ Documentário “O som do gol”, produzido pela Universidade do Futebol. (2012).

A palavra falada adquire um caráter de autoridade. Os poderes, as verdades, os ensinamentos, os rituais, todas as ações práticas e simbólicas se concretizavam através da voz. A palavra bem pronunciada é uma das principais características da linguagem radiofônica, pois neste caso o som faz papel da imagem. Contar apenas com a audição significa que o som deverá suprir a falta de imagem. Isto demanda uma linguagem clara, nítida para que o ouvinte veja através das palavras.

1.5 – Transmissões esportivas:

As transmissões esportivas se consagraram no Brasil com a irradiação do futebol. Um locutor postado na cabine, no centro do estádio, um repórter atrás de cada gol, um comentarista ao seu lado, um plantão esportivo, com informações de outros jogos e repórteres em outros estádios. Porém, o personagem indispensável nas transmissões é o narrador ou locutor esportivo, também identificado como *showman*. Ele transmite toda a emoção da partida e brinca com o imaginário das pessoas (torcedores).

A liderança do processo da transmissão é do ancora, que difunde a cultura ligada ao esporte. Narra os fatos em tom coloquial e não declaratório ou impositivo. Abandona o *magister dixit* (expressão latina que significa que uma vez que o mestre fala ninguém contra-argumenta), reconhece publicamente quando errou e assume todos os enganos que qualquer um tenha cometido na transmissão.

Em 1931, Nicolau Tuma irradiou a primeira partida de futebol “ao vivo” pelo rádio, iniciando o processo de massificação do rádio como meio de comunicação de massa. O jogo entre São Paulo e Paraná, válido pelo VIII Campeonato Brasileiro de Seleções, na Chácara da Floresta, em São Paulo foi transmitido em 90 minutos, pela Rádio Educadora Paulista.

A primeira imagem usada por ele para incentivar a criação, na imaginação do receptor, do espaço físico onde irá se desenrolar a competição pode ainda hoje ser ouvida no início das irradiações esportivas, com variantes assemelhadas. Naquela tarde, Nicolau Tuma pede ao ouvinte para tentar pensar num retângulo na sua frente ou então para pegar uma caixa de fósforos e visualizar o campo, onde vai começar a partida entre as duas seleções. “Do lado direito estão os paulistas e, do lado esquerdo, estão os paranaenses”, orienta o locutor”. (SOARES, Edileuza, p.30, 1994,)

Batizado como “narrador metralhadora”, Nicolau Tuma tinha a habilidade de pronunciar até 150 palavras por minuto. Um estilo rápido de irradiar as partidas, desenvolvendo uma linguagem típica para narrar os jogos. Tuma tentou se aproximar do ouvinte desde a primeira transmissão, enunciando os detalhes como uma metralhadora de palavras, entendendo que se a Educadora ficasse sem som o ouvinte mudará de estação.

Havia apenas reportagens esportivas na época, e ninguém tinha unido as palavras com o ritmo de uma narração. Foi ele que inventou o termo radialista, pois não havia outro que se encaixasse para designar o profissional que trabalhava na área. A sonoplastia também não fazia parte das transmissões radiofônicas, apenas das radionovelas da época encenadas nos estúdios. (SCHINNER, Carlos Fernando, p. 13, 2004).

Através das transmissões esportivas, foram surgindo os ídolos de esporte brasileiro. Nomes como Pelé, Didi, Vavá, Garrincha e Zagallo, campeões do mundo pelo Brasil, começaram a despontar pelas primeiras transmissões "ao vivo" dos eventos e pela mídia radiofônica. Os jogadores não possuíam números nas camisas, o que dificultava, portanto, a narração.

A transmissão radiofônica de partidas de futebol passou por grandes mudanças, uma vez que para narrar um jogo ao vivo não basta apenas a presença do narrador. Para que haja a transmissão é necessária uma equipe, formada pelo comentarista e pelos repórteres de campo, a fim de que o conjunto de informações permita um perfeito andamento da transmissão. A função do repórter de campo é passar para o narrador uma visão diferente dos lances que acontecem na partida, uma vez que nem ele sempre fica em um local que favoreça uma completa observação, estando atrás das metas e no meio de campo. Hoje, é praticamente impossível transmitir uma partida sozinho, devido a evolução tecnológica e a exigência de qualidade da transmissão por parte do ouvinte.

1.6 – Narrações radiofônicas:

Quando falamos na narração esportiva, em que a cena é reconstruída constantemente, a informação está em fluxo contínuo, sem cortes. É através da descrição dos fatos por meio da fala que é construída a realidade. A ausência da imagem aumenta o espaço de criação do locutor, e a narração fica na fronteira entre ficção e a realidade.

Um profissional de microfone é antes de tudo um comunicador social, por isso deve seguir alguns preceitos básicos: descrever algo que se vê, contar ou relatar um fato jornalístico, transmitir um evento qualquer, interagir com ouvintes e conduzir uma transmissão esportiva. O narrador usa um discurso genérico, relatando ou informando o fato concreto. Já o discurso do comunicador é específico e serve para atingir e se aproximar do ouvinte. No caso do futebol, o comunicador torna-se um “animador de estádios”. A emoção, a animação e o encantamento da narração ficam por conta do estilo e do talento de cada locutor.

O narrador esportivo é o profissional de comunicação capacitado a descrever, contar, relatar, transmitir, um evento ou conduzir uma transmissão, interagindo com seus ouvintes e transportá-lo para o estádio. Muitas vezes a transmissão esportiva é tida como espetáculo porque, em sua maioria, se centra em uma única pessoa, o narrador. Muitos usam esse tempo como verdadeiro palco para toda a encenação, esquecendo que ali estão para fazer Jornalismo Esportivo.

Todos esses fatos talvez não tivessem o mesmo impacto jornalístico se não fossem tatuados na memória do torcedor. E graças às narrações vibrantes dos locutores, que soubera transformar em palavras um relato absolutamente visual, um sentimento que vem da alma e fica marcado para o resto da vida. E nisso os locutores brasileiros são imbatíveis, pois transmitem os jogos de futebol, de uma maneira peculiar, estilo surpreendente e que ainda hoje é copiado em vários países do mundo. Os locutores esportivos tornam possível a ponte entre a conquista do atleta, a perpetuação do gol memorável, ou da bandeirada final da mente e na memória do torcedor brasileiro. (SCHINNER, Carlos Fernando, p. 13, 2004).

São cinco os combustíveis do narrador de futebol: emoção, conhecimento e cultura, espírito de liderança, carisma, credibilidade e ética, e a valorização da palavra falada. Segundo Schinner (2004, p.80), "emoção é sem dúvida a palavra mais usada nas transmissões esportivas. É também o combustível mais importante do seu humano, pois funciona como gatilho de todos os sentimentos".

O conhecimento e a cultura significam algo absolutamente necessário para um comunicador (narrador) que forma opinião. O espírito de liderança se enquadra no perfil do narrador de sucesso, porque, na maioria das vezes, é ele que abre e conduz as jornadas. O carisma, a credibilidade e a ética são elementos que estão associados. Ética e credibilidade tornam a pessoa carismática. Já a valorização da palavra falada é o principal dos cinco combustíveis. Mesmo que, rapidamente, na velocidade da jornada esportiva, é preciso pensar antes de falar, para não dizer besteira. Conforme Schinner (2004, p. 103), “o narrador esportivo tem o poder da mensagem, o dom da comunicação, o domínio da eloquência e sabe valorizar como ninguém a palavra falada”.

1.7 – A linguagem do futebol

Descendente da língua inglesa, o futebol possui um linguajar peculiar, que foi se adaptando a linguagem brasileira, um dos fatores que contribuíram em muito para o desenvolvimento da linguagem radiofônica.

A linguagem futebolística é rica em metáforas, em expressões e onomatopeias. O linguajar atípico (desviante) desenvolvido pelo comunicador esportivo possui alguns motivos, como por exemplo, a necessidade de fugir do comum, de atrair o ouvinte por meio de uma terminologia muitas vezes inédita, de criar uma marca pessoal, além de incessante corrida pela audiência, afinal o principal objetivo do rádio sempre foi atingir as massas, através de uma comunicação mais breve e atraente. Uma das principais formas utilizadas para atingir esse objetivo é o uso do tom coloquial. A linguagem coloquial além de chegar mais rápido ao ouvinte o aproxima daquela informação e cria a sensação de identificação.

Muitas expressões usadas durante as transmissões esportivas foram incorporadas ao cotidiano das pessoas. Quem nunca ouviu o marido dizer que a esposa “marca em cima”, ou alguém falar “estou na área, se me derrubar é pênalti”, ou “bola pro mato que o jogo é de campeonato”. São metáforas do jogo da vida. Para transportar a realidade dos campos para o ouvinte, o locutor precisa qualificar os jogadores e o espaço do jogo, e é a partir desta necessidade que ele começa a criar, como, por exemplo, usar uma característica física do atleta para identificá-lo. O

jogador Romário é até hoje chamado de “baixinho”. Garrincha foi imortalizado como o “anjo das pernas tortas”.

As partes do campo também precisaram ser identificadas, e ganharam novas nomenclaturas por meio dos locutores esportivos. A pequena área passou a ser “zona do agrião”, o grande círculo central ganhou o nome de “caroço do abacate”. Até a bola não se livrou da criatividade do locutor e foi nomeada de “gorduchinha”. As posições dos jogadores em campo também ganharam suas expressões. O goleiro passou a ser chamado de “muralha”, o jogador de meio-campo que arma as jogadas ganhou o nome de “maestro”, e o zagueiro passou a ser o “xerife”.

O rádio se diferencia da televisão que tem nas imagens o carro chefe da transmissão, em que não é preciso descrever o ambiente ou a jogada, porque está tudo ali, diante dos olhos do telespectador. Por isso a linguagem da televisão atua de maneira diferente. A transmissão esportiva no rádio é capaz de ver além da bola, essa talvez seja a principal diferença para a transmissão televisiva, que se prende a imagem e acaba esquecendo-se de tudo que gira em torno de uma partida de futebol.

O comunicador esportivo de rádio precisou criar novos códigos para transmitir as informações do jogo sem perder a atenção do ouvinte, dessa forma criou um discurso lúdico e sedutor, que cativa os amantes do esporte até os dias de hoje. A repetição é uma característica muito importante na linguagem radiofônica, porque a informação no rádio é irrecuperável, o locutor precisa dessa técnica para não perder a atenção do ouvinte. Os locutores trabalham assim como mediadores da realidade.

1.8 – Os estilos de narração

Dentre os elementos existentes na composição do perfil para narrar futebol no rádio, o estilo é aquele que faz o narrador criar uma identidade própria. O modo como o narrador exprime sua fala é capaz de ganhar ouvintes

No estilo de narração denotativa é dada a ênfase ao significado das palavras trazidas no dicionário. A emoção fica por conta da entonação da voz e da descrição detalhada dos lances. O narrador prioriza a precisão na exposição do que está acontecendo em campo, porém, para isso, não se utiliza de jargões, frases feitas ou algo do gênero.

Na narração conotativa ocorre o inverso. Outros sentidos são agregados ao significado real das palavras. Usa-se muitas metáforas, gírias, jargões e algumas figuras de linguagem. Slogans relacionados à emissora ou ao veículo que o narrador representa, por vezes, são associados à descrição dos fatos. Para ilustrar a imaginação do ouvinte, o narrador busca, no próprio povo, expressões que possam facilitar o que está sendo narrado.

Na categoria mista ocorre uma interação entre o estilo denotativo e o conotativo. O locutor tanto se detém à descrição minuciosa dos acontecimentos da partida dentro do significado dicionarizado das palavras, quanto utiliza chavões, jargões e metáforas para descrever os lances.

1.9 – Os narradores que fizeram história no Brasil

Até o início da década de 1980 o rádio era o grande veículo de comunicação do país, e nas transmissões de futebol era imbatível. A escola radiofônica teve nomes gloriosos, entre eles, Pedro Luiz, Fiori Gigliotti e Osmar Santos, nomes de referência aos atuais narradores esportivos. Carlos Fernando Schinner definiu os narradores como:

1.9.1. - Pedro Luiz

O mineiro Pedro Luiz Paoliello durante décadas foi considerado o melhor locutor de futebol do rádio. Extremamente técnico, voz clara, estilo sóbrio e impecável, Pedro não ousava errar. E segurava tudo no gogó, numa época que não existiam as famosas vinhetas que dão um colorido especial às transmissões. Ele planejava suas narrações com antecedência, visualizava as partidas que iria narrar e tinha todo o jogo na cabeça. Seu senso de profissionalismo, perfeccionismo e dedicação eram inquestionáveis, exigindo sempre os mais altos salários e melhores condições de trabalho para sua equipe.

1.9.2. – Fiori Gigliotti

“O temmmmmmpooo passa, torcida brasileira!”, “Aguenta coração” e “É fogo, é fogo, é fogo”, expressões que fazem parte da história do rádio e são marcas registradas de Fiori Gigliotti, uma das maiores referências da narração esportiva em todos os tempos. Fiori, o narrador da torcida brasileira, pode ser considerado o poeta lírico das transmissões, consagrado por seu estilo coloquial, nostálgico e romântico. O segredo de sua longevidade está ligado a uma relação de empatia que sempre estabeleceu com seus ouvintes.

1.9.3. – Osmar Santos

Osmar Santos é considerado um fenômeno na comunicação esportiva e talvez a última grande marca inovadora do rádio. O narrador de Osvaldo Cruz, cidade próxima a Marília no interior paulista, dificilmente desafinava em suas transmissões, mesmo nos lances mais agudos que eram narrados com pitadas de humor e muitos bordões como “Ripa na chulipa e pimba na gorduchina!” (na hora de cobranças de falta ou pênalti), “Xiruliruli, xiruliruli...” (na hora do drible), “Animaaaalll!” (para os grandes craques).

2 DA TEORIA ÀS VOZES NAS CABINES DE RÁDIO

Com base nos últimos seis anos (2006-2012), este trabalho analisa a narração radiofônica de futebol feita pelos locutores esportivos Pedro Ernesto Denardin e Marco Antônio Pereira, da Rádio Gaúcha e Haroldo de Souza, na época na Rádio Guaíba, ambas as emissoras com amplitude modulada (AM), com sede em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Em nenhum momento é analisado a narração televisiva, apenas para acompanhar o tempo real de jogo. Também não é feito um comparativo entre os narradores e as emissoras de rádio, mas sim um diagnóstico dos 90 minutos de partida entre Internacional e Barcelona, em 2006, Internacional e Internazionale de Milão, em 2008 e Internacional e Emelec, em 2010.

O presente estudo observa a maneira de narrar de cada locutor durante uma partida, analisando a emoção do narrador, a utilização de metáforas e principalmente a improvisação e criatividade do narrador, por meio da análise de diferentes jogos decisivos do Internacional.

Foram assistidos três jogos completos do Internacional, como também os áudios dos respectivos jogos. A preferência pelas emissoras do Rio Grande do Sul, Rádio Gaúcha e Rádio Guaíba se deu pelo fato de os narradores a serem analisados trabalharem nas respectivas emissoras e também pelo fato de transmitirem todas as partidas de futebol dos representantes do Estado a nível nacional e internacional.

As transmissões de futebol escolhidas para a análise foram:

- Internacional e Barcelona, partida válida pela final do Campeonato Mundial Interclubes FIFA em 17 de dezembro de 2006, transmitida pela Rádio Gaúcha com narração de Pedro Ernesto Denardin.
- Internacional e Internazionale de Milão, na decisão da Copa Dubai Cup em 07 de janeiro de 2008, no estádio Dubai Stadium nos Emirados Arabes, transmitida pela Rádio Gaúcha, com narração de Marco Antônio Pereira e
- Internacional e Emelec, primeira partida da fase de grupos da Libertadores, em 23 de fevereiro de 2010, no estádio Beira-Rio, em Porto Alegre/RS, transmitida pela Rádio Guaíba, com narração do Haroldo de Souza.

2.1. Os narradores

Reconhecidos e renomados narradores do Rio Grande do Sul e também a nível nacional, Pedro Ernesto Denardim, Marco Antônio Pereira e Haroldo de Souza com suas narrações aproximam o torcedor do verdadeiro espetáculo futebolístico.

2.1.1. Pedro Ernesto Denardin

Nascido em 06 de dezembro de 1950, no Hospital Moinhos de Ventos, em Porto Alegre, Pedro Ernesto Denardin é considerado um dos principais narradores esportivos do Rio Grande do Sul. Pedro começou a trabalhar desde cedo com duas paixões: esporte e rádio. Antes da profissionalização, já sentia que tinha vocação para narrador ao acompanhar e comentar os jogos de várzea. O início da carreira se deu com um concurso promovido pela Rádio Gaúcha para encontrar um novo talento para as narrações dos jogos. Entre 32 participantes, ele foi um dos dois finalistas. Como a vaga era única, Nilton Azambuja ocupou o lugar de narrador e Pedro Ernesto foi aproveitado pela RBS em outra emissora da rede, a rádio Farroupilha.

Desde que foi transferido para a rádio Gaúcha, vem trabalhando com esportes. Suas narrações já apresentavam naquela época o estilo bem humorado e ousado, como ele mesmo gosta de definir. Reforçou o time de locutores esportivos da emissora, liderado por Haroldo de Souza, enfrentou concorrência de peso, como Pedro Pereira e Armindo Antônio Ranzolin, na época representantes da rádio Guaíba. Sua experiência inclui a cobertura de grandes eventos esportivos, como Olimpíadas, Copas do Mundo e jogos importantes para os torcedores brasileiros. No entanto, não consegue pensar em um único evento que marque sua carreira. É o dia a dia das locuções e o carinho dos ouvintes que toca Pedro Ernesto. O sucesso fez com que ganhasse também o respeito daqueles com quem trabalha e passe livre nos estádios e concentrações. Os contatos feitos durante os anos lhe dá a liberdade de trabalhar em qualquer partida sem a pressão de jogadores e dirigentes.

2.1.2. Marco Antônio Pereira

Colega de Pedro Ernesto Denardin, na rádio Gaúcha, Marco Antonio Pereira é conhecido pelo bordão “Mas que peninha.”. Nascido em 25 de outubro de 1956, em São Leopoldo, Marco Antonio foi criado em Novo Hamburgo, ouvindo rádio. A ligação familiar com o rádio se deu pelo tio, que na época era cantor nos programas de auditório de Mauricio Sirotsky Sobrinho. Marco Antonio passou então, a se familiarizar com o que viria a ser sua profissão. A conexão familiar, aliada a uma paixão de narrar jogos de várzea em Novo Hamburgo junto com seus colegas, levou Marco Antonio a um sonho: ser narrador de futebol. Patrocinado pela mãe, gravou uma fitinha cassete e levou o material para mostrar nas rádios do interior. Depois de várias tentativas sem sucesso, já sem esperanças, os narradores da rádio Progresso resolvem entrar em greve. Nas rodinhas de papo do café Avenida, em Novo Hamburgo, veio a lembrança.

A primeira experiência de Marco foi um desastre. Só a sua mãe gostou. Mesmo assim, obteve o aval do chefe da Progresso na época, Milton Vergara Correa, e assim, passou a ser narrador esportivo profissional. Influenciado por Osmar Santos, considerado por ele o melhor narrador de todos os tempos, Marco Antonio passou a criar sua identidade própria como locutor esportivo. Passou a ser conhecido na comunidade do Vale dos Sinos no comando do microfone da rádio Progresso. Em 1986, Marco Antonio recebe proposta da rádio Difusora, de Porto Alegre, na equipe chefiada na época por Pedro Ernesto Denardin. Em menos de um ano é contratado pela rádio Guaíba. Em dez anos de narração como profissional, Marco Antonio Pereira é escalado pela rádio Guaíba para cobrir a primeira Copa do Mundo, em 1990, no Mundial da Itália. Foi a primeira de suas quatro Copas do Mundo (94, 98, 2002 já pela rádio Gaúcha). Em 1991, troca a Guaíba pela Gaúcha. Teve uma pequena passagem pela rádio Bandeirantes, em 1996. Um narrador com estilo vibrante, alegre e descontraído, assim Marco Antonio define suas características.

2.1.3. Haroldo de Souza

Atualmente na rádio Grenal, Haroldo de Souza é dono de umas das vozes mais marcantes e emocionantes vozes do rádio do Rio Grande do Sul. Haroldo Joaquim de Souza, pai de nove filhos com sete mulheres, nasceu em 10 de dezembro de 1944, no

município de Jacarezinho, Paraná. Haroldo acreditava desde criança que tinha vocação para a locução esportiva e aos 12 anos, já narrava ficticiamente jogos de futebol, principalmente do seu time do coração, o Corinthians pelas emissoras do centro do país. Inspirado em Pedro Luis e Fiori Giglioti, Haroldo iniciou sua carreira na Rádio Castro, como repórter.

Haroldo de Souza acredita que o rádio jamais vai morrer. *“Nos últimos anos, o jornal caiu demais, a televisão subiu demais e o rádio continua o mesmo. Acho que o rádio é intocável. Com o desenvolvimento da tecnologia, com certeza vamos ter meios mais sofisticados de ouvi-lo, mas vai continuar sendo o que é. Sempre na frente.”* (GEREMIA, Maria Lúcia Penna, pag.13, 2009).

2.2. As emissoras de rádio

Conforme o futebol se profissionalizava, paralelamente, o rádio ganhava espaço publicitário, com isso as transmissões aumentavam. O radiojornalismo esportivo ocupa um espaço muito grande nas grandes emissoras de rádio do país, através não somente das transmissões de partidas, mas também dos programas veiculados semanalmente e logo após as partidas. No Rio Grande do Sul, duas grandes emissoras de rádio, Gaúcha e Guaíba são responsáveis pelas grandes transmissões de futebol dos representantes do estado a nível nacional e também internacional.

2.2.1. Rádio Gaúcha

Com sede em Porto Alegre, a Rádio Gaúcha é considerada uma das maiores emissoras de rádio do Brasil. Pertencente ao Grupo RBS, a rádio é cabeça-de-rede da Rede Gaúcha Sat, que detém 160 emissoras de rádio, espalhados por diversos estados do Brasil, para as transmissões de diversos eventos, principalmente eventos ligados ao futebol e que envolvem a Dupla Gre-Nal. Operando nas frequências 600 kHz AM e 93,7 MHz FM, a Gaúcha foi a emissora de rádio brasileira que enviou o maior número de profissionais para a Copa do Mundo FIFA 2010, junto com o Grupo RBS.

A Torre da Rádio Gaúcha AM 600 kHz, localizada em Guaíba é a estrutura mais alta do Brasil, possui 230 metros de altura, sendo a quarta mais alta de toda a América do Sul.

Fundada em 8 de fevereiro de 1927, a rádio faz suas transmissões com som 100% digital e ocupa a faixa de 600kHz AM, sendo esse canal exclusivo da emissora nas regiões Sul/Sudeste e parte sul do Mercosul. Em 28 de maio de 2008, a Rádio Gaúcha passou a transmitir também em FM, na frequência 93,7 MHz.

2.2.2. Rádio Guaíba

Com sede também em Porto Alegre, a rádio Guaíba pertence ao Grupo Record e opera nas frequências 720 kHz AM e 101,3 MHz FM. Líder da Rede Guaíba SAT, a rádio entrou no ar no dia 30 de abril de 1957, sendo a única emissora do Rio Grande do Sul que esteve presente na Copa do Mundo de 1958.

Desde o início, o programa da Guaíba que mais se destacou foi o Correspondente Renner, que por 53 anos ficou no ar e por 46 foi narrado por Milton Jung. Depois da cobertura histórica do Mundial da Suécia, a Guaíba se fixou com sucesso no segmento esportivo. Pelo departamento de Esportes da Guaíba passaram grandes nomes do jornalismo esportivo do Rio Grande do Sul e do Brasil. Durante muitos anos o esporte da Guaíba foi líder absoluto de audiência no território gaúcho. A solidificação da concorrência aconteceu exatamente no período turbulento de meados dos anos 80, quando toda a Empresa Jornalística viveu dias difíceis, perdendo muitos de seus profissionais para outras emissoras.

Em 1986 foi concluída sua reformulação, com a aquisição da rádio, junto com a TV Guaíba e a reabertura do Correio do Povo pela família Ribeiro, que controla também polos produtores de soja no Estado. Para essa reformulação foram contratados jornalistas nas áreas geral e esportiva e adquiridos equipamentos avançados. Nos anos 1990 foram feitas outras mudanças: era contratado o narrador Haroldo de Souza e dava largada a Rede Guaíba SAT, que fazia uma alternativa de rede a Gaúcha e a redes nacionais de rádio.

Recentemente, o departamento de esportes da emissora adotou um sistema em que, em jogos da dupla Gre-Nal fora do Rio Grande do Sul, o narrador da jornada narra a partida direto do estúdio da emissora, o chamado off tube. No entanto, ocasionalmente, em

jogos importantes, o narrador é enviado junto com o repórter. Em 29 de março de 2011, a Rádio Guaíba lançou o seu aplicativo para iPhone e iPad.

2.3 Critérios de análise

Neste trabalho serão analisados alguns aspectos importantes que compõem uma transmissão esportiva. Aspectos estes, que diferenciam um narrador do outro, através da sua improvisação, emoção e utilização de metáforas.

2.3.1 Improvisação

Talvez a técnica de improvisação seja a mais fundamental da narração esportiva e no jornalismo esportivo como um todo. Por mais que seja considerada uma técnica, o domínio do improviso só se conquista com a experiência.

Cada narrador tem seu estilo de transmissão e sua forma de preparo das transmissões. O planejamento depende, em geral, do padrão, estipulado pelo meio, pela emissora e pelas próprias características de locução do narrador. (SCHINNER, Carlos Fernando, p. 181, 2004).

O jogo de palavras desperta sentimentos e provoca reações diversas em cada ouvinte, dependendo da entonação, do modo que cada palavra, frase ou expressão são descritas. No rádio a narração é mais descritiva e detalhada e por isso o narrador Pedro Ernesto Denardin se utiliza da improvisação para transmitir os jogos.

Tem que pintar na hora, tu não pode levar nada. Porque eu sou contra frase feita em rádio. Eu faço assim, eu abro a transmissão sem escrever. A maioria dos meus colegas escreve. Eu não tenho nada contra, mas eu não escrevo. Eu improviso em cima daquilo que está acontecendo ali, porque depois chove e eu não tenho aquilo no meu texto. Eu fico escravo do texto, então eu prefiro improvisar. A minha vida é um improviso. Eu faço tudo improvisadamente. Não tem nada no script⁶.

⁶ Site Projeto Vozes do Rádio – Jornalismo Famecos – Acesso 17 de novembro de 2012

A abertura é um dos momentos mais importantes de uma transmissão. É onde o locutor mostrará preparo e segurança aos seus ouvintes e telespectadores. Ela deve conter um resumo de tudo o que será transmitido, além é claro, da importância do jogo, do local da partida, do estado meteorológico, da lotação do estádio etc. Para Schinner,

Cada narrador tem um bordão inicial para saudar seus interlocutores, e o mais conhecido pelo poder da emissora que ocupa é, sem dúvida alguma, o “Bem amigos da Rede Globo...”, de Galvão Bueno. Fernando Vanucci patenteou o “Alô vocêê...” e assim por diante. A partir da saudação inicial, o narrador apresenta aos seus ouvintes os principais argumentos (persuasão) que os farão ficar com os ouvidos presos ao rádio ou com os olhos grudados na tela. Nesse momento o narrador é um vendedor do produto chamado transmissão esportiva. (SCHINNER, Carlos Fernando, p.185, 2004)

2.3.2 Emoção

O ouvinte é movido pela emoção, e por isso ele procura o rádio, que inegavelmente mexe com os sentimentos das pessoas de forma mais intensa. Pelos microfones da Rádio Guaíba, Haroldo de Souza transmitiu as emoções da partida entre Inter e Emelec, em 2010. O torcedor que foi ao estádio, aquele que ficou em casa assistindo pela TV, mas ouvindo pela rádio ou aquele que é fiel ao rádio acompanhou a vitória colorada conquistada nos minutos finais da partida pelas ondas sonoras do rádio. Schinner relaciona o futebol com o rádio como “uma penetração muito mais profunda no espírito de quem ouve”.

O rádio é para os amantes da palavra. Quem ouve o futebol pelo rádio já caldeou toda uma inclinação da palavra, todo um conjunto de extratos sentimentais e poéticos ligados naquele fim de semana em que se conversa sobre as jogadas mais variadas. O mundo do rádio, é o mundo do gogó, é o mundo oral. É como o mundo grego da Antiguidade arcaica, onde toda a poesia grega surgiu no gogó, e não no sistema escrito. O rádio tem uma penetração muito mais profunda no espírito de quem ouve. Ele cria uma relação de coração com aquilo que o cidadão ouve. (SCHINNER, Carlos Fernando, 2004, pag. 36).

O estilo empregado pelo locutor nas transmissões modifica-se de acordo com a importância de cada partida. O locutor não deve passar para o ouvinte a morosidade de uma partida quando ela é transmitida, mas sim deve passar emoção, vibração e entusiasmo.

Emoção é sem dúvida a palavra mais usada nas transmissões esportivas. É também o combustível mais importante do ser humano, pois funciona como gatilho de todos os sentimentos. Faz o coração bater mais forte, o suor jorrar pelos poros, o frio tomar conta da barriga, o sangue ferver nas veias. Ao menor sinal de ação, perigo, empolgação, tristeza, alegria, medo ou raiva, a emoção vem à tona e toma conta da gente. (SHINNER, Carlos Fernando, 2004, pag.80).

2.3.3 Metáforas

Outra característica do narrador esportivo é a necessidade de introduzir neologismos, metáforas e expressões que criem uma ligação com o público ouvinte. Expressões como “pimba na gorduchinha” e “ripa na xulipa” caracterizam a transmissão de Osmar Santos. “Abrem-se as cortinas e começa o espetáculo”, define para o ouvinte a transmissão de Fiori Gigliotti. A incessante luta pela conquista do ouvinte, visando o aumento da audiência por parte da emissora, também caracteriza a busca pelo estilo único do narrador.

A linguagem desenvolvida no rádio cria no ouvinte uma imagem mental, que corresponde à impressão que se tem de um lugar como se estivesse lá. De acordo com Martine Joly *“uma representação mental é elaborada de maneira quase alucinatória, e parece tomar emprestada sua característica da visão”*. O autor procura distinguir imagem mental de esquema mental, que seria reunir traços visuais suficientes para reconhecer um desenho, ou uma forma visual. Para ele o que interessa na imagem mental *“é essa impressão dominante de visualização que se assemelha com a da fantasia ou sonho”*. O discurso criado pelos locutores esportivos alimenta a capacidade de visualização do jogo, e conseqüentemente, estimula a criação dessa imagem mental. Ainda relacionando linguagem e imagem o autor faz uma colocação importante, de que dentro da língua, a imagem é o nome comum dado à metáfora.

3 - ANÁLISE

Das primeiras transmissões feitas por Romeu Tuma e Amador Santos, já com estilos diferentes, até os tempos atuais, a união do futebol com a narração esportiva faz do futebol no Brasil um espetáculo à parte. Foram surgindo estilos próprios para a descrição dos jogos. Para ilustrar o imaginário do torcedor e conquistar a sua audiência, narradores no rádio e na televisão utilizam formas criativas, inventam bordões e buscam no próprio povo expressões que possam facilitar a identificação entre o narrador e o ouvinte. Para Márcio de Oliveira Guerra os narradores conquistaram o seu espaço dentro da transmissão esportiva.

Por meio de linguagens estereotipadas e redundantes, cheias de sinônimas, os narradores conquistaram seu espaço dentro do próprio jogo. Seja porque “você vê o jogo, ouvindo a rádio...” ou porque, “a gente se vê por aqui”, o torcedor passou a incorporar a transmissão como parte do espetáculo, mesmo quando a imagem, seja no campo ou através da TV, não se basta se não for acompanhada de um contador da história que está sendo vista e vivida naquele momento. (GUERRA, Márcio de Oliveira, 2007).

A narração esportiva pelo rádio é ver algo a mais do que a bola, o lance em si. Já a narração feita pela TV, por dever de ofício, está presa à imagem. Nas mídias, no entanto, estilos e formas de fazer essa cobertura criaram ídolos e gostos no torcedor, formando verdadeiras escolas. Maneiras copiadas desde cedo pelas crianças, seja nas peladas de rua ou nas transmissões dos jogos de futebol de botão ou videogame.

No Rio Grande do Sul, alguns nomes são importantes na história do rádio esportivo e criaram as primeiras escolas gaúchas de transmissão: Armindo Antônio Ranzolin, Lauro Quadros, Pedro Ernesto Denardim, Haroldo Souza, Sérgio Morais, Pedro Carneiro Pereira, Brauner e Willy Gonzer, que depois foi para Minas Gerais.

3.1. A narração marcante de Pedro Ernesto Denardin:

Em 2006 o Internacional conquistava o maior dos títulos que um clube de futebol poderá ter no seu armário, o título de Campeão Mundial Interclubes FIFA.

Com a conquista da América, em 17 de agosto de 2006, o Internacional rumou o Japão para enfrentar o todo poderoso Barcelona, na final do Mundial. Antes de enfrentar os catalões, o Colorado enfrentou o Al Ahly e venceu pelo placar de 2 a 1. Com a vaga garantida às finais, o Inter assistiu a vitória esmagadora do Barcelona em cima do América, do México. A goleada de 4 a 0 mostrou a superioridade do time europeu, que tinha no seu plantel, o melhor jogador do mundo, Ronaldinho Gaúcho.

No domingo, 17 de dezembro de 2006, às 8h30min (horário de Brasília), no estádio em Yokohama, no Japão, milhares de torcedores do mundo inteiro acompanharam a transmissão da partida pelas emissoras de rádio e TV. Pela Rádio Gaúcha, Pedro Ernesto Denardin narrou o que seria o jogo mais importante na história do torcedor colorado.

Ao escutar a narração dos noventa minutos de Inter e Barcelona, através do locutor Pedro Ernesto Denardin, e selecionar trechos que exemplificam os critérios apresentados na pesquisa, podemos observar que ele utiliza a linguagem de narração mista. Ou seja, mescla o sentido denotativo com o conotativo. Consideramos, porém, que há um predomínio da narração denotativa. O locutor tanto se detém à descrição dos acontecimentos da partida dentro do significado real das palavras, quanto utiliza chavões, jargões e metáforas para dar ao ouvinte a noção do que está ocorrendo na partida.

3.1.1. Emoção do narrador

O estilo empregado pelo locutor nas transmissões modifica-se de acordo com a importância de cada partida. O jogo entre Inter e Barcelona, de 2006, narrado por Pedro Ernesto Denardin, apresentou para o ouvinte uma emoção maior por parte do narrador, por se tratar de uma final de mundial Interclubes, título este que o Internacional ainda não havia conquistado em quase cem anos de história.

Considerado o melhor clube de futebol do mundo, o Barcelona entrou em campo como favorito para a conquista do título mundial. Nos primeiros dez minutos de jogo, o time catalão criou algumas oportunidades de gol, mas o Inter soube marcar e conseguiu controlar as investidas do Barcelona. A cada arrancada do time catalão, Pedro Ernesto Denardin exaltava a jogada.

[...] Olha o Barcelona!!! Uma bola para Giuly correu lá pra ponta direita, não alcança, a bola está fora do campo e é tiro de gol que o Internacional vai cobrar, Zé Alberto⁷.

O momento de maior perigo nos primeiros dez minutos foi uma investida do Barcelona, que iniciou na falha do zagueiro colorado, Fabiano Eller. O lance caracterizou a emoção do narrador.

[...] Fabiano Eller errou!!! Ficou a bola para Giuly, carregou para a ponta direita, levou para o meio, tentou para Gudjohnsen, corta a zaga, voltou para Giuly, dominou na ponta direita, fechou na área, tentou atrás. Corta para o Internacional, o zagueiro! Voltou para o jogador Gudjohnsen, tentou de calcanhar, mas a bola passou para as mãos de Clémer, e o Rijkaard não gostou e reclamou do seu centroavante, Zé Alberto⁸.

O primeiro tempo terminou com o placar zerado. Como nos minutos iniciais, o narrador empregou seu estilo de narração, em cima do lance, acompanhando a bola. O Barcelona teve algumas oportunidades de gol, assim como o Internacional também teve algumas chances de abrir o marcador. Mas a tensão do jogo foi mesmo após os trinta minutos de partida do segundo tempo. Com o marcador zerado, o jogo se encaminhava para a prorrogação. Mas o gol aconteceu antes mesmo dos noventa minutos terminar.

Para Schinner, o grito de gol não é um susto. “O narrador vai construindo a jogada a partir da defesa (zona de atenção), passando pelo meio de campo (zona intermediária) e chegando ao ataque (zona de tensão). A partir do momento em que surge a possibilidade do gol, tudo está devidamente articulado, sem atropelos”.

Faltando dez minutos para o término do jogo, um lance marcou a narração de Pedro Ernesto Denardin. O lance do gol do título do Internacional ficou registrado na cabeça do torcedor colorado, que ao lembrar-se da conquista, lembra-se da narração inconfundível do narrador que usa o jargão “Ele é dimaiissss”. No momento do gol, Denardin emocionado protagonizou um espetáculo da narração radiofônica.

[...] Índio chuta de qualquer maneira para a metade do campo, de cabeça torneou para Adriano Gabiru, tocou pra Luiz Adriano, pro Iarley! Olha o gol do Inter pintando!!! Luiz Adriano tá livre, lá vai Iarley, toco para Gabiru, vai marcar o

⁷ Narração Pedro Ernesto Denardin, Inter 1 x 0 Barcelona, 17 de dezembro de 2006.

⁸ idem

gol! Atirou , é GOOOL!! GOOOOOOOOOLLLL!!! GOOOL do Internacional! O Inter vai ser campeão do mundo! O Inter vai ser campeão do Mundo! São 36 minutos! Um tabelamento espetacular! Iarley mete no Gabiru, criticado, odiado pelo torcedor do Inter! Reverte, ele é teu amor torcedor colorado! Ele é teu amor! São 10 horas da manhã no Brasil, dia 17 de dezembro de 2006, prepare a festa torcedor! O Inter vai ser campeão do Mundo! Vai cortar os cabelos do Ronaldinho, os cabelos do Puyol. Vai rasgar a camisa do Barcelona. O Inter vai ganhar o mundo. O famoso, rico, milionário e festejado Barcelona está sendo inapelavelmente abatido pelo Internacional! Gabiru, Gabiru, é o nome do gol. O Inter vai ser campeão do mundo, Zé Alberto Andrade⁹.

Emoção, improvisação e utilização de jargões, como “torneou de cabeça”, ou seja, desviou de cabeça. Narrado em cima do lance, Denardin acompanhou a troca de passes dos jogadores colorados da defesa até o momento do gol.

3.1.2. Utilização de metáforas

A primeira oportunidade de gol do Internacional aconteceu aos cinco minutos de jogo, com Wellington Monteiro recebendo uma bola de Iarley. Na sua narração, Pedro Ernesto Denardin usou o jargão lá vai bomba, ou seja, um chute forte.

[...] Lá vai o Inter para o ataque, são cinco do primeiro tempo, o placar é zero a zero, a bola foi pra Rubens Cardoso, tentou o meio, soltou para Iarley, Iarley tocou lateralmente grande bola para Wellington Monteiro, ajeitou pra bater, lá vai bomba, alto pela linha de fundo, Benfica¹⁰.

Na cobrança do primeiro escanteio do jogo, Denardin usou mais uma vez um dos seus jargões. Quando o atacante do Internacional, Alexandre Pato cabeceou a bola para fora, a bola era do goleiro e Pedro diz que é “tiro de gol”.

[...] Primeiro escanteio do jogo! É de Ceará! O placar é zero a zero. Autorizado Ceará, foi pra bola, subiu Pato, de cabeça ele meteu a bola pela linha de fundo! É tiro de gol que o Barcelona cobra, Benfica¹¹.

Neste caso, o jargão “tiro de gol” significa que a bola está na linha de fundo e o goleiro colocará ela novamente em jogo.

⁹ Narração Pedro Ernesto Denardin, Inter 1 x 0 Barcelona, 17 de dezembro de 2006.

¹⁰ idem

¹¹ Idem.

3.1.3. Improvisação e criatividade do narrador

Na final do Mundial, Denardin fez a abertura da transmissão, com muita emoção e improvisação, pois sabia ele a importância que tinha aquele jogo na vida que cada torcedor colorado.

São 8h20min, dezessete de dezembro de 2006. Torcedor colorado, a partir de agora você vai torcer comigo, esse é o dia mais importante da vida do seu clube. O Inter pode ser campeão do mundo. Nada pode ser maior. Atenção, o arbitro olhou para seus auxiliares. Ele apita, a bola está rolando, começa a final do Mundial¹².

Além do momento do gol, o término da partida também foi exaltado pelo narrador Pedro Ernesto Denardin, que muito emocionado, deixou de narrar a partida, para dar ênfase ao momento de alegria que o torcedor estava vivendo naquele momento.

[...] Quarenta e sete minutos mais oito segundos. Vai terminar o jogo! O Inter vai ser campeão do mundo! O seu coração está explodindo, suas lágrimas estão rolando pelos rios. O Rio dos Sinos está infestado pela falta de oxigênio. Jogue suas lágrimas e ajude os peixes que lá estão. Vai Ronaldinho, levantou para o Xavi, Clémer! Largou, voltou a bola, falta! O juiz marcou a falta, falta! Quarenta e sete e meio, vai terminar, não tem mais nada pra acontecer! O que vai acontecer agora é a maior festa de Porto Alegre! A tua festa Kenny Braga, do teu povo Kenny Braga, o povo colorado, o mundo é colorado. Quarenta e oito! Terminou seu juiz, terminou! senhor Carlos Brates volte pra Guatemala, terminou. Campeão, campeão, Inter, inter .. campeão, chore, chore, chore ...¹³

Como a partida era decisiva, a narração aconteceu toda ela em cima do lance. O torcedor que ouvia, acompanhava pelo rádio o andamento da jogada com muito mais emoção pela narração radiofônica, pela improvisação e emoção do narrador.

3.2. Marco Antônio Pereira, o dono do jargão “Mas que peninha”

Com as conquistas da Libertadores e do Mundial em 2006 e da Recopa em 2007, o Internacional disputou em 2008, a Copa Dubai Cup, nos Emirados Árabes. Um torneio que reuniu grandes clubes do planeta como o Ajax, de Amsterdam, a Internazionale, de Milão,

¹² Narração Pedro Ernesto Denardin, Inter 1 x 0 Barcelona, 17 de dezembro de 2006.

¹³ idem

e Stuttgart, da Alemanha. O Internacional venceu o Stuttgart na semifinal e decidiu o título contra a Internazionale, de Milão. Após uma final eletrizante com o bicampeão italiano, o Inter venceu por 2 a 1 e conquistou o título inédito nos Emirados Árabes.

Pela Rádio Gaúcha, Marco Antônio Pereira comandou a transmissão esportiva naquele dia 07 de janeiro de 2008, às 15 horas, direto de Dubai, nos Emirados Árabes.

3.2.1. Emoção do narrador

No primeiro minuto de jogo, o Internacional na sua primeira chegada ao ataque exigiu que o narrador Marco Antônio Pereira narrasse o primeiro gol da partida.

[...] Vai pra bola Alex, já cobrando a falta, abrindo de um lado para outro, da esquerda para a direita, vai chegar Wellington Monteiro, dominou Monteiro, vai cruzar, centrou pra Magrão, de cabeça para Fernandão, no canto e é gol. GOOOOLLAÇO, Golaço do Fernandão. Dominou bonito e girou, girou como craque que é Fernandão! Fazendo um golaço para a alegria dos colorados, dos árabes, do mundo inteiro que está ligado nesse jogão de bola. O Inter larga na frente. Um minuto e meio de bola rolando do primeiro tempo. Fernandão, capitão do mundo. Golaço colorado, abrindo o placar em Dubai. O Inter larga na frente, um golaço de Fernandão. Um pro Inter, zero Internazionale, Sérgio¹⁴.

A emoção da partida não foi somente da torcida colorada. O time do Internacional dominava o jogo até os trinta e nove minutos de partida, quando Jimenes aproveitou o rebote do goleiro colorado Renan e empatou a partida. No lance, Marco Antônio gritou um gol fraco, mostrando indignação no gol sofrido pela equipe colorada.

[...] Ibrahimovic escapa pela esquerda, cruzou fechado, Renan tirou a bola pingou para Jimenez, bateu e é Gol. Goooll da Inter de Milão, Jimenez está empatando o jogo. Trinta e nove e trinta desse primeiro tempo de partida e a bola sobrou pro jogador ali dentro da área, depois do Renan tirar, o cruzamento de Ibrahimovic, está empatado o jogo, Trinta e nove e trinta. Mas o placar não é justo, esse empate em Nando Gröss, um a um o placar aqui em Dubai¹⁵.

Na maioria das narrações, o torcedor consegue perceber pelo grito do narrador de quem foi o gol. Neste caso, o gol foi da equipe adversária e por isso não teve a mesma entonação.

¹⁴ Narração Marco Antônio Pereira, Inter 2 x 1 Internazionale de Milão, 07 de janeiro de 2008.

¹⁵ Narração Marco Antônio Pereira, Inter 2 x 1 Internazionale de Milão, 07 de janeiro de 2008.

3.2.2. Utilização de metáforas

Marco Antônio Pereira com seu estilo vibrante, alegre e descontraído de narrar as partidas de futebol, utiliza-se de jargões próprios, que caracterizam o seu estilo de narração. Logo após o gol do Internacional, o time da Internazionale tinha uma falta a seu favor, e Marco Antônio usou o famoso “falta, falta, faltaaa”. Ao longo da transmissão, quando a falta é para algum time gaúcho, Marco Antônio repete com emoção o “é falta, falta, falta...”, deixando a impressão de uma boa oportunidade de gol. Além desse jargão, Marco Antonio utiliza com frequência “Mas que peniiiiinha!”; “Não, não, não, não!” (quando um jogador perde um gol incrível); “Chorou , chorou , chorou e entrou/não entrou”; “Não escapa nada da equipe da Gaúcha!”; “Quase desabou o barraco do time da Internazionale” e “Balançou o barraco mas não caiu!” No entanto não seriam metáforas e sim jargões criados por Marco Antônio Pereira.

3.2.3. Improvisação e criatividade do narrador:

Na abertura da transmissão do jogo Inter e Inter de Milão, jogo válido pela final da Recopa de 2008, Marco Antônio Pereira abriu a jornada apresentando a emissora, e chamando o ouvinte para ficar próximo ao rádio. A técnica de improviso somada com a emoção da partida, pois era final, possibilitou ao narrador que fizesse uma abertura diferenciada.

É a Gaúcha de Porto Alegre, aqui direto de Dubai, pra você torcedor de todo o Brasil. Quase tudo pronto pra bola rolar. O árbitro do jogo vai tomando as últimas providências. O Inter vai ficar a direita das cabines de rádio... Saída pro time italiano. Não! Saída pro time do Inter de Porto Alegre... Atenção nação colorada espalhada em todo o Brasil, ligado no futebol da Gaúcha! Alô você de todo o Brasil, você do Rio Grande do Sul, você que é de Porto Alegre, no calor do litoral gaúcho, no litoral catarinense, pela internet espalhado por todo esse planeta, ligado no futebol da Gaúcha. Vai rolar a bola para o Inter e Inter de Milão. O estádio não está lotado, mas aqui está cheio. Apita o árbitro, bola rolando. Começa Inter e Inter de Milão, primeira decisão de 2008. Decisão da Copa Dubai Cup!!!¹⁶

¹⁶ Narração Marco Antônio Pereira, Inter 2 x 1 Internazionale de Milão, 07 de janeiro de 2008.

Em todas as aberturas de jornada, os narradores apresentam ao ouvinte o lado que as equipes estão posicionadas. Na transmissão, Marco disse que “o Inter vai ficar ao lado direito das cabines de rádio”.

3.3. Haroldo de Souza, o narrador que anuncia o gol

Depois de conquistar a América e o Mundo em 2006, o Internacional entrou em campo em 2010, decidido a conquistar tudo novamente. O auge das conquistas aconteceu antes mesmo do clube completar o centenário em 2009. Completados os 100 anos de história, o Colorado iniciou a temporada 2010 com o objetivo do Bicampeonato. A estreia do Internacional na fase de grupos da Libertadores de 2010 ocorreu em 23 de fevereiro de 2010, às 21h50min, no estádio Beira-Rio, contra o Emelec, do Equador.

A fala agitada até parece dar sinais de que ele está com pressa. Na verdade, são evidências de seu estilo como narrador esportivo. Conhecido pela irreverência, Haroldo de Souza é adepto de um estilo mais solto e popular de locução, mudou o cenário da narração esportiva no Estado. Seu estilo, segundo ele¹⁷, é uma mistura do lado sentimental do famoso narrador esportivo Fiori Gigliotti, já falecido, associado com a precisão no lance, característica de Pedro Luís, da extinta rádio Tupi. A mistura dos dois jeitos deu tão certo que Haroldo ganhou seguidores Brasil afora.

3.3.1 – Emoção do narrador

Nos quarenta e cinco minutos iniciais de partida, Haroldo de Souza emprega prioritariamente a linguagem conotativa. Ou seja, outros sentidos são agregados ao significado real das palavras. Ao longo de suas transmissões, Haroldo utiliza algumas metáforas, gírias e chavões que foram criados através da sequência dos jogos transmitidos.

Haroldo de Souza iniciou a narração fazendo referência a estreia do Internacional na Libertadores. Nos primeiros vinte e três segundos de jogo, o Internacional chegou ao

¹⁷ Site http://www.coletiva.net/site/perfil_detalhe.php?idPerfil=386 Pelo Futebol e pelas mulheres – Haroldo de Souza. Acesso em 12 de novembro de 2012.

ataque com Nei pelo lado direito e Haroldo exaltou o ataque colorado que terminou nas mãos do goleiro do Emelec.

Apita o árbitro!!!! A bola está rolando torcedor do Brasil. Começa a Libertadores da América para o Internacional!! Uma bola com autoridade Bolívar, cortou para o meia para o volante, voltou para o lado esquerdo, ficando para Kléber. Kléber entregando para Danilo, virando o jogo e jogando para a meia direito Bolívar, recolhe pelo campo defensivo, caminha para o campo de ataque, lançou na ponta direita, surgiu Nei!! A bola vai direto para Elizaga, saiu do gol e segura, Reck.¹⁸

Percebendo a falha na marcação da equipe colorada, aos cinquenta e sete segundos de jogo, Haroldo aumenta o tom de voz, ao narrar um lance de ataque da equipe do Emelec.

[...] Bola metida no meio, caído Quiroz. Quiroz girou no fundo de campo, vai a bola para Ayoví. Ayoví foi para o fundo de campo, vai cruzar, bateu rasteiro na entrada da grande área. Gira para o gol, o camisa número sete Quiroz, a bola se perde para a linha de fundo. Mas bateu como bem quis ai, Flávio?¹⁹

Numa troca de passes entre os jogadores do Inter, Haroldo destaca a falta cometida pela equipe do Emelec em cima do volante Sandro do Internacional.

[...] Sai jogando, vai pro jogo agora o Pato Abbandonzieri entregando para Bolívar, de volta para Pato. Pato para Bolívar, vai “simbora” o Internacional, tocando para a lateral direita, levanta de perna direita para o campo de ataque para Giuliano, domina o primeiro, bateu no meio, caiu para Nei. Nei jogou pra frente, recuperou Mariano Mina. Mariano Mina jogou para Quiroz. Toca o time do Emelec, rola para a meia esquerda para Valencia, joga na frente, o juiz aponta a falta. Marca a falta a favor da equipe do Internacional em cima do Sandro, Rodrigo.²⁰

Durante as narrações dos jogos de futebol sabemos que o momento do gol é o mais importante. Dependendo da forma com que o locutor descreve esse momento, pode até “ganhar” o ouvinte para o seu lado. A intensidade com que o gol é narrado, conforme Haroldo é considerado um dos motivos que fazem o torcedor escolher este ou aquele como narrador preferido. Só que a forma com que esse acontecimento peculiar do futebol deve

¹⁸ Narração de Haroldo de Souza, Inter 2 x 1 Emelec, Taça Libertadores da América 2010.

¹⁹ idem

²⁰ idem

ser contado, varia conforme a beleza do lance e a importância da partida. No jogo Inter e Emelec, logo aos três minutos da etapa final, Haroldo precisou narrar o primeiro gol da partida.

[...] Rojas lançou no meio pra Quiroz, sozinho bateu por baixo GOOOOOL do Emelec!!! Quiroz camisa sete, a três minutos de partida, recebeu sozinho pela meia esquerda, bateu por baixo de Pato Abbondanzieri e a bola entra forte, estufa os cordéis cidadela colorada²¹. Larga na frente o Emelec, Quiroz, número sete, um para o Emelec, zero para o Internacional, Reck.²²

O narrador deve manter a imparcialidade durante a transmissão, pois os ouvintes torcem por várias agremiações que podem se envolver nas partidas. Rivalidades envolvendo países sul-americanos, no caso Brasil e Equador recebem um tratamento diferenciado por parte dos locutores brasileiros. No jogo analisado, Haroldo de Souza utiliza o recurso de “chamar” o gol, quando ele diz “Estou sentindo cheiro de gol”. Aos dez minutos de partida, numa sequência de ataques do Internacional, Haroldo anunciou que o gol estaria acontecendo numa cobrança de escanteio.

[...] Ta pintando o gol, tá pintando ... Giuliano suspendeu na boca do gol, a bola passou, afastou a zaga voltou pro Nei, Nei domina, Nei pode soltar para esquerda, pra Kléber, Kléber faz o levantamento, na extrema direita, tá procurando outra vez o Giuliano, cabeça na bola Mariano Mina, Mina gira para o campo ofensivo ...²³

No caso, o gol não saiu. Haroldo se utiliza desse jargão toda vez que a equipe do Internacional se aproxima do ataque e cria boas oportunidades de gol.

3.3.2. Utilização de metáforas

Outra característica do narrador esportivo é a necessidade de introduzir neologismos, metáforas e expressões que criem uma ligação com o público ouvinte. busca pelo estilo único do narrador. Na narração de Haroldo de Souza, são inúmeras as metáforas que ele utiliza nas suas transmissões esportivas. Descendente das primeiras escolas de narradores do Brasil, Haroldo não perdeu até hoje a sua característica de enaltecer as

²¹ Forma denotativa: Balança o cordão da fortaleza defensiva. Forma conotativa: Estufa a rede adversária.

²² Narração de Haroldo de Souza, Inter 2 x 1 Emelec, Taça Libertadores da América 2010.

²³ idem

jogadas. Na partida entre Inter e Emelec, Haroldo utilizou o personagem folclórico bumba meu boi para definir um chute forte da zaga para o meio de campo.

[...] O placar é zero a zero, atingimos sete minutos de partida aqui no Beira-Rio quase lotado. Partiu pra bola Quiroz, suspendeu para o interior da grande área, tenta sair Rojas no chão para acordar, a bola voltou para Giuliano, Giuliano para Kléber, Kléber dominou, com a perna esquerda um bumba meu boi para o campo de ataque, volta para Morante, Morante envolve Giuliano, Giuliano lança na ponta direita para Achillier, tenta escapar, a bola é desviada pelo Kléber em novo arremesso lateral para o time do equador²⁴.

Após Haroldo de Souza anunciar o arremesso lateral em favor do time do Emelec, ele aproveita o tempo para fazer um comentário sobre o tempo real de jogo e chama o comentarista para confirmar e comentar a sua afirmação Ele diz “*é um time encardido, hein Vinicius*”, ou seja, um time que visa a marcação. .

Aos sete minutos do segundo tempo, Nei marcou o gol de empate para o Internacional e Haroldo de Souza narrou com emoção, utilizou metáforas e criatividade.

[...] Bola tocada para Kleber, Kleber pra frente, Sandro abre pela ponta direita, Nei dominou, jogou na frente, venceu bonito, vai bater pro gol, bateu e é gol. GOOOOOLLLLL Colorado! Nei de fora da área, a sete minutos de partida. Sacode a nação colorada, coloca um foguete, um pombo sem asa no ângulo esquerdo de Elizaga e estufa os cordéis da cidadela equatoriana. A rede ainda está balançando. E agora, as bandeiras coloradas estão tremulando, tremulando, tremulando torcedor do Brasil²⁵.

Era um tabu a ser quebrado pelo Internacional: vencer em estreia de Libertadores. Faltando três minutos para terminar o jogo, Alecsandro marcou o gol da vitória colorada. No momento do gol, Haroldo de Souza usou o famoso “Adivinhe”.

[...] Danilo faz o levantamento, meteu para Andrezinho, tirou, driblou, tocou no meio para Sandro. Limpou a jogada, estendeu, jogou na frente, passou, cortou mais um, ajeitou na meia esquerda, para Walter, para Andrezinho, calibre fora da área, meteu para Walter, entrou livre na área, olha o gol, Alecsandro. Adivinheeee!!! GOOOOOLLLLL Colorado!!! A quarenta e dois minutos de jogo.

²⁴ Narração de Haroldo de Souza, Inter 2 x 1 Emelec, primeira partida da fase de grupos da Libertadores de 2010

²⁵ idem

O Internacional chegou. O Alessandro define pro meio do gol de Elizaga e estufa os cordéis da cidadela do Emelec²⁶.

Após o grito de gol, Haroldo usa a metáfora “Estufas os cordéis da cidadela do Emelec”. Em todos os gols, o narrador se utiliza dessa metáfora, característica particular do Haroldo.

3.3.3. Improvisação e criatividade do narrador:

Outra característica do narrador que anuncia o gol é a cada quinze minutos de bola rolando, chamar os ponteiros do relógio anunciando o tempo de jogo.

[...] Os ponteiros estão girando, girando, girando, girando torcedor do Brasil. Eu tenho aqui cravados em cima, no Beira-Rio, grupo cinco da Libertadores da América, quando o Emelec chega pelo fundo de campo, Valencia desvia do zagueiro na linha de fundo, mas é só tiro de meta. Eu repito, quinze minutos de partida no Beira-Rio, grupo cinco da Libertadores 2010. Coloradoo zero, Emelec do Equador também zero²⁷.

Os noventa minutos de narração podem ser considerados uma improvisação, pois o narrador com sua criatividade narra o que está acontecendo em campo e para abrilhantar acrescenta informações e jargões que o identificam na narração.

3.4. Os narradores e suas particularidades

O imaginário do torcedor é a matéria-prima para o rádio. Ao narrar um lance, o locutor através da emoção irradiada, faz com que o ouvinte sinta o clima de um estádio de futebol, a agitação da torcida. Enfim, o narrador consegue fazer com que o ouvinte, através da transmissão, crie a imagem das partidas do futebol, e dessa forma vivencie o jogo.

Sendo um dos critérios de análise inicial, “a narração na fronteira entre a ficção e a realidade”, não foi possível perceber que as narrações atuais são exageradas ou até mesmo inventadas, não correspondendo com o acontecimento real em campo. Diferentemente das primeiras transmissões esportivas radiofônicas, onde o narrador tinha total liberdade em

²⁶ idem

²⁷ idem

inventar jogadas, pois não tinha o acompanhamento das imagens, hoje, com a presença de diversas câmeras, de vários ângulos, o narrador precisa com responsabilidade transmitir o que realmente está acontecendo.

Nas transmissões feitas por Pedro Ernesto Denardin, Marco Antônio Pereira e Haroldo de Souza, percebemos que entre eles a características particulares que diferem um narrador do outro.

As narrações de Pedro Ernesto Denardin estão entre as melhores narrações do país. Denardin é titular da Rádio Gaúcha e sempre está presente nos grandes eventos esportivos mundiais, cobrindo Internacional e Grêmio em campeonatos nacionais e internacionais, assim com a Seleção Brasileira. Dois grandes momentos marcaram a narração de Pedro. Em 2006, na primeira partida da final da Taça Libertadores da América, no estádio Morumbi, não faltou vibração, emoção, improvisação e toda a criatividade do narrador no momento em que o Internacional marcava o segundo gol contra o São Paulo.

Atirou, é gol! GOOOOOLLLLL!!! É demais! É demais! É demais! Dezesesseis minutos da etapa complementar. O Inter liquida o São Paulo. O Inter rasga a camisa do São Paulo e pisa em cima dela. O Inter humilha o campeão do mundo. O campeão do mundo destroçado pelo futebol do Internacional. Um campeão do mundo que começa a morrer definitivamente nas cores vermelho e branco do time colorado. Do gaúcho de vermelho, do gol de Sóbis, o menino de Erechim. Cara de gaúcho, pinta de gaúcho, roupa de gaúcho, parece gaúcho²⁸.

Em 2009, na primeira partida do Campeonato Brasileiro, Inter e Corinthians se enfrentaram no estádio Pacaembu, e o atacante Nilmar fez o gol da vitória colorada. A narração desse gol de Pedro Ernesto Denardin foi destaque na editoria de esportes do Jornal Nacional, da Rede Globo.

Nilmar dominou na ponta direita, encarou o marcador, levou pro meio, passou pelo Moquita, se meteu pelo comando, passou por mais um. Nilmar passou pelo quarto, é fila, entrou na área, vai marcar o gol, atirou, é gol. GOOOOOLLLLL!!!! Mais do que um gol, é um golaço! É mais do que um gol, é uma pintura! É mais do que um gol, uma fila interminável que Nilmar consegue conduzir contra o Corinthians, marcando o gol colorado²⁹!

Já a narração de Marco Antônio Pereira é caracterizada pelos seus jargões, que o mesmo atribui aos jogadores, como: Menino do Beira-Rio, quando se referia ao Nilmar, do

²⁸ Narração Pedro Ernesto Denardin, Inter 2 x 0 São Paulo, Final da Libertadores de 2006.

²⁹ Narração de Pedro Ernesto Denardin, Inter 1 x 0 Corinthians, Campeonato Brasileiro 2009.

Internacional; Mestre Jonas, quando falava do atacante Jonas do Grêmio. Marco Antônio Pereira, na escala de narradores da rádio Gaúcha é o segundo, atrás de Pedro Ernesto Denardin e a frente de Luiz Augusto Alano. Outra característica do Marco é a sua simpatia, e o modo descontraído das suas narrações. Diferente de Pedro Ernesto Denardin, Marco Antônio ainda não teve uma narração que o colocasse no cenário dos grandes narradores esportivos radiofônicos.

Diferente dos narradores até aqui citados, Haroldo de Souza é o narrador que mais se distancia dos atuais narradores. Descendente da primeira escola dos narradores, Haroldo se inspira nas narrações de Pedro Luiz e Fiori Gigliotti, fazendo jus as suas narrações, pois Pedro Luiz “*era geométrico, rigoroso, matemático, um engenheiro. Era uma espécie de João Cabral de Melo Neto, se pudéssemos comparar a narração esportiva com poesia*”. MEDINA, Antônio, APUD SCHINNER, Carlos Fernando, p.40, 2004). Já Gigliotti era conhecido pelo famoso “O temmmmmmmmmmmmmppppppooo passa, torcida brasileira!”. Características estas que são seguidas por Haroldo de Souza em suas narrações, onde não faltam metáforas.

Em 2010, na final do Mundial Interclubes em Abu Dhabi, o Internacional foi derrotado nas semifinais contra o Mazembe. Haroldo de Souza se negou a narrar o segundo gol da equipe africana.

Eu não vou narrar, a quarenta minutos de partida, Kaluyituka bate no canto direito de Renan e a bola entra. Eu não narro esse gol em respeito a torcida do Internacional, em Abu Dhabi. A quarenta minutos de partida, o Mazembe despacha o Internacional do Campeonato Mundial de 2010, nos Emirados Árabes, aos quarenta minutos de partida. Cai Renan, no canto direito, a bola entra no cantinho e estufa os cordéis da cidadela brasileira. Isso é profundamente lamentável!!!³⁰

Esse fato da narração, como tantos outros ficarão registrados na história das narrações esportivas brasileiras.

³⁰ Narração de Haroldo de Souza, na semifinal do Mundial Interclubes, nos Emirados Árabes em 2010.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O rádio foi a primeira grande escola de formação do jornalismo esportivo brasileiro. Mais do que popularizar o futebol e alguns outros esportes no país, deu origem a uma metodologia futebolística que se reinventa continuamente.

Quando se fala em comunicação esportiva, o rádio se apresenta como um dos principais meios de divulgação, que pode ser exemplificado pela grade de programação das principais rádios do país, onde o esporte tem espaço reservado diariamente, sem contar as transmissões de jogos. Outra situação é o hábito do torcedor brasileiro levar o rádio para o estádio, ou usá-lo simultaneamente com a transmissão na TV.

O imaginário do torcedor continua sendo uma matéria-prima para o rádio. Ao narrar um lance, o narrador através da emoção irradiada, faz com que o ouvinte sinta o clima de um estádio de futebol, a agitação da torcida, enfim, o narrador consegue fazer com que o ouvinte, através da transmissão esportiva, crie a imagem das partidas de futebol, e dessa forma, vivencie o jogo.

O jogo de palavras desperta sentimentos e provoca reações diversas em cada ouvinte, dependendo da entonação, do modo que cada palavra, frase ou expressão são colocadas.

Este trabalho teve o intuito inicial de fazer uma comparação da ficção com o real, porém durante a análise foi diagnosticado que isso não ocorre mais como nas primeiras narrações radiofônicas, na ausência de imagens. Hoje, com a presença das câmeras em diversos ângulos, para que o narrador mantenha a credibilidade perante o ouvinte precisa ser fiel aos acontecimentos e narrar a jogada com emoção, pois se inventar ou exagerar acabará perdendo seu público e conseqüentemente a emissora a qual trabalha a audiência.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Gilson Pinto. **Futebol no rádio: as estratégias usadas por Haroldo de Souza E Pedro Ernesto Denardin para atrair a atenção dos ouvintes.** UNIFRA, Santa Maria, 2009 <http://lapecjor.files.wordpress.com/2011/04/gilson-pinto-alves.pdf>

Associação Brasileira de Imprensa.

<http://www.abi.org.br/>

BARBEIRO, Heródoto. **Manual do Jornalismo Esportivo/** Heródoto Barbeiro, Patricia Rangel. – São Paulo: Contexto, 2006.

BORZILO, Andressa Torresilha e MAGNONI, Antônio Francisco. **As características da linguagem do radiojornalismo esportivo. 2009.**

<http://www2.faac.unesp.br/pesquisa/lecotec/eventos/lecotec2009/anais/1281-1298BORZILO.pdf>

CANELLAS, Wanessa. **Rádio: alguns aspectos estéticos dos estudos de recepção.** http://uninomade.net/wpcontent/files_mf/110810121251Radio%20alguns%20aspectos%20esteticos%20dos%20estudos%20de%20recepcao%20-%20Wanessa%20Canellas.pdf

DIAS, Emerson S., LIMA, Carlos Guilherme C. **Da emoção a descrição – a História da narração esportiva no rádio.** Universidade de Londrina, Paraná <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CC8QFjAA&url=http%3A%2F%2Fpaginas.ufrgs.br%2Falcar%2Fencontros-nacionais-1%2F8o-encontro-2011-1%2Fartigos%2FDa%2520emocao%2520a%2520descricao%25202013%2520a%2520historia%2520da%2520narracao%2520esportiva%2520no%2520radio.pdf%2Fdownload%2Ffile&ei=keeyUNCaGJTc8AS12IFQ&usq=AFQjCNGc8kWKIv2ByZu5jXux7wbijNr8Yg&sig2=B2DGgjec4xRIZQAB9UKJw>

Folha de São Paulo

<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/846042-no-rs-radialista-se-recusa-a-narrar-gol-do-mazembe-em-respeito-a-torcida-do-inter-ouca.shtml>

GEREMIA, Rosária Maria Lúcia Prena/ Alternativa Consultoria em Educação, Cultura e Comunicação Social. **Na Onda do Progresso: O Papel do Rádio no Desenvolvimento e Rio Grande do Sul.**

GOMES, Luiz Fernando. **MRE: Manual de redação e estilo.** Rio de Janeiro: LANCE, 2008.

LEITE, Audrey Ferreira Dias, e LOBATO, Paulo Lanes, **A mudança da narração radiofônica esportiva de partidas de futebol “ao vivo”**.

MOURIM, Roberta. **A formação do jornalista esportivo: diploma ou talento**. Projeto de pesquisa sobre Jornalismo Esportivo, UERJ-FCS-DT. Segundo semestre de 2004. http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_03/contemporanea_n03_01_mourim_lovisolo.pdf

Projeto Vozes do Rádio. Jornalismo Famecos/PUCRS. <http://www.pucrs.br/famecos/vozesrad/>

SCHINNER, Carlos Fernando. **Manual dos Locutores Esportivos**. Como narrar futebol e outros esportes no rádio e na televisão. 1. Ed. – São Paulo. Editora Panda, 2004.

Site Oficial do Internacional
<http://www.internacional.com.br/home.php>

Universidade do Futebol
<http://www.universidadedofutebol.com.br>

UNZELTE, Celso. **Jornalismo Esportivo: Relatos de uma paixão**. Volume 4/ Celso Unzelte; Magaly Prado (org.) – São Paulo. Editora Saraiva. 2009.

ZAREMBA, Lilian. **Entrevistos: Sobre Rádio e Arte. Comunicação radiofônica na linha da tangência entre imagem e som**. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências e Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009. <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0891-1.pdf>